

**Escuta das narrativas indígenas na
exposição colaborativa do MAE-USP:
desafios para o desenvolvimento de
ações educativas eticamente responsáveis
e engajadas nos museus**

**Listening to indigenous narratives
in the MAE-USP collaborative exhibition:
challenges for the development of
ethically responsible and
engaged educational activities in museums.**

Mauricio Andre Silva¹
Carla Gilbertoni Carneiro²

DOI 10.26512/museologia.v10i19.34592

Resumo

Apresentamos neste artigo a Plataforma Educativa da exposição colaborativa “Resistência Já! Fortalecimento e união das culturas indígenas. Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena”, desenvolvida pelos três grupos indígenas do centro-oeste do Estado de São Paulo em parceria com o MAE-USP. A discussão de processos curatoriais colaborativos a partir da área educativa dos museus contribui para estendermos essa pauta no campo museal. O desafio ético das ações para ampliação e respeito das vozes indígenas deve ser uma busca constante da equipe de profissionais, e nesse sentido, o movimento de escuta e o fomento da relação são caminhos potenciais para resultados positivos. Trabalhar na interculturalidade apresenta possibilidades da implantação de práticas decoloniais.

Palavras-Chave

Indígenas. Colaboração. Museu Universitário. Educação em Museus. Autorrepresentação.

Abstract

In this article we present the Educational Platform of the collaborative exhibition “Resistance Now! Strengthening and uniting indigenous cultures. Kaingang, Guarani Nhandewa and Terena”, developed by the three indigenous groups in the Midwest of the State of São Paulo in partnership with the MAE-USP. The discussion about collaborative curatorial processes in the area of education in museums contributes to extend this agenda in the field of museums. The ethical challenge of actions to expand and respect indigenous voices must be a constant search by the team of professionals, and in this sense, the inclination to listen and foster the relationship is a path in potential to positive results. Working in interculturality presents possibilities for the implementation of decolonial practices.

Keywords

Indigenous, Collaboration, University Museum, Education in Museums, Self-representation.

1 Maurício André da Silva é educador, arqueólogo e responsável pelo Educativo do MAE-USP. Doutorando e Mestre em Arqueologia, ambos pelo MAE-USP. Bacharel e Licenciado em História pela USP. Atua com educação em museus desde 2005 e possui experiência nas áreas de Arqueologia, Museologia, História Oral, Acervos e Etnografia. Articulador da Rede de Museus e Acervos Arqueológicos e Etnográficos (REMAAE) no biênio 2020 - 2021. <https://orcid.org/0000-0002-4325-9480>

2 Graduada em História pela Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP (1994). Doutora em Arqueologia, pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (2009), com pesquisa relacionada ao desenvolvimento de ações educacionais vinculadas a pesquisas arqueológicas na região amazônica. Desde 1998 atua como educadora no MAE-USP, onde coordena ações educacionais por meio de diversas estratégias para distintos públicos. Atualmente é chefe da Divisão de Apoio à Pesquisa e Extensão responsável pela gestão das ações de salvaguarda e comunicação da Instituição. <https://orcid.org/0000-0002-1537-5732>

I. Introdução

Em 2016 nós do Educativo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) iniciamos a participação em um processo transformador para a área relacionado à concepção da exposição e ação educativa “Resistência Já! Fortalecimento e união das culturas indígenas. Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena”. Ao longo de mais de dois anos do processo curatorial da mostra até a sua inauguração, pudemos repensar a história de atuação educacional da instituição e construir, ou melhor, repensar algumas práticas para que o exercício da colaboração e de posturas decoloniais fossem implementadas em distintas frentes.

Neste artigo apresentamos a Plataforma Educativa da exposição construída de forma colaborativa com os três grupos indígenas ao longo de todo o processo curatorial até os dias atuais, sendo o trabalho de reelaboração das práticas permanente. O MAE-USP atua com a integração entre a salvaguarda (documentação e conservação) e a comunicação (educação e exposição) em seus processos curatoriais. Esse aspecto é um diferencial do Museu, que foi potencializado a partir do envolvimento dos(as) parceiros(as) indígenas como curadores(as) e educadores(as). Abordaremos os desafios da prática educativa em uma exposição autonarrativa, a partir de algumas situações de aprendizado com os(as) indígenas. Na condição de “não indígenas”³ quais são os desafios éticos para o desenvolvimento de trabalhos com a temática indígena?

Gerolino José Cesar e Mário de Camilo, indígenas Terena da aldeia Ekeruá, Terra Indígena (TI) Araribá, localizada em Avaí, centro-oeste do Estado de São Paulo, desenvolveram atividades com o público entre 21 e 26 de outubro de 2019. Em uma semana repleta de ações com escolas, professores(as), crianças, jovens, em um grupo de adolescentes do Ensino Médio, que enchem a sala de acolhimento, comentaram “esperamos que vocês no futuro, quando forem lideranças, presidente do país, se lembrem que, no dia de hoje, vocês estiveram com dois indígenas no Museu”. Essa fala aponta para um dos eixos centrais das visitas educativas promovidas pelos(as) indígenas, criar espaços de empatia e de aproximação entre indígenas e não indígenas por meio da experiência, da vivência e, sobretudo, promovendo a visibilidade das lutas e existências indígenas. A interculturalidade se estabelece pelo contato direto e pelo afeto no acolhimento dos grupos em um espaço democrático e com abertura para o diferente, que para a eficácia na abordagem da temática indígena, a presença dos(as) parceiros(as) Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena se torna crucial.

No Brasil tem crescido o protagonismo das populações indígenas em diferentes áreas e campos do conhecimento. Desde o início da colonização, até hoje muitos grupos têm existido e resistido a um processo de apagamento de suas vidas e culturas, por meio de um processo civilizador. Nesse movimento de luta por respeito das diferentes populações indígenas, a Constituição Brasileira de 1988 foi inovadora, pois o Estado passou a reconhecer as organizações sociais indígenas, costumes, línguas, crenças e tradições, pelo artigo 231 da Constituição Federal, deixando de lado a política assimilacionista e de integração (OLIVEIRA, 2016: 292). Em 2020 são trinta e dois anos de sua promulgação e atualmente as mesmas populações, diante de tantos avanços, veem seus direitos

3 O termo não indígena foi adotado nesta reflexão, mas temos clareza de que ele não comporta toda a complexidade de existências relacionadas a questões de raça, gênero, classe, geração, sexualidade, entre muitos outros marcadores sociais da diferença. Entretanto, para a discussão proposta e para a evidenciação e protagonismo dos grupos indígenas, ele se torna adequado.

ameaçados, especialmente, no que diz respeito ao direito à terra e à diferença. Nesse sentido, fica claro que a presença desses povos e seus modos de vida ainda incomodam uma imagem de país que se quer projetar. No campo dos museus, formados no âmbito do colonialismo, o século XXI aponta para transformação e reparação dessas histórias.

Em um momento de muitas incertezas, em que uma parte da população brasileira se fecha ao outro, à diferença, e a apatia é crescente, seja com o aumento das queimadas em nossas florestas, ou com a indiferença em relação ao número de mortes diárias pela Covid-19, criar espaços para o estabelecimento de empatia e acolhimento é algo extremamente revolucionário. Especialmente em relação aos povos indígenas e as suas temáticas e pautas.

Nossa reflexão neste artigo, portanto, está estruturada a partir da apresentação do contexto e perfil universitário do MAE-USP e o seu compromisso com as coleções a partir do ensino, pesquisa e extensão; da elaboração do partido expográfico da mostra colaborativa “Resistência Já!”; da Plataforma Educativa construída com os grupos indígenas, e por fim de alguns aprendizados em torno das escutas dos trabalhos educativos desenvolvidos pelos(as) indígenas. Ensinaamentos que são constantes para o início de uma desconstrução da normatividade do corpo, da subjetividade, do olhar e da escuta.

2. Um Museu universitário aberto à colaboração e a repensar suas práticas

O perfil de museu universitário confere ao MAE-USP uma plena articulação entre pesquisa, ensino e extensão anunciada em sua missão institucional e presente na concepção e desenvolvimento de suas ações. Essa natureza possibilita uma base sólida de produção de conhecimento, alinhada ao avanço teórico das áreas que delimitam sua natureza – arqueologia, etnologia e museologia; contribui significativamente para a formação acadêmica por meio de seus programas de pós-graduação, e desenvolve de forma completa o ciclo curatorial que é próprio das instituições museológicas. A produção das exposições institucionais parte desse contexto e a busca por um processo integrado no desenvolvimento das ações curatoriais está na origem da Instituição, ainda que sua plena formalização tenha acontecido com a publicação do renovado regimento institucional em 2011.

A origem singular do Museu, que se deu por meio da fusão de acervos e coleções pertencentes a quatro instituições da Universidade – coleções arqueológicas e etnográficas do Museu Paulista; Acervo Plínio Ayrosa, do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Instituto de Pré-História e o antigo Museu de Arqueologia e Etnologia, em 1989 –, impôs desafios que vêm sendo equacionados ao longo da sua trajetória. Apesar da natureza comum de suas coleções, fator fundamental para sua criação, as especificidades das origens delas, as distintas orientações teóricas para o desenvolvimento das pesquisas, a constituição diferenciada dos seus quadros profissionais foram aspectos que demandaram maior esforço para que a decisão pela fusão refletisse uma unidade institucional.

Para além das dificuldades mencionadas, destacamos a importância da soma de distintas formas de desenvolvimento dos processos de trabalho que caracterizavam essa múltipla origem. Um patamar sólido de experiências, desenvolvidas por quase uma década, considerado como fundamental na aproximação dessas instituições com a sociedade, permitiu que a área de comunicação

Escutas das Narrativas Indígenas na Exposição Colaborativa do MAE-USP:

desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus

continuasse como parte indissociável do processo curatorial, refletido na nova organização institucional.

As coleções etnográficas que compõem o acervo da instituição acompanham o desenvolvimento da antropologia no país, com materiais coletados desde o final do século XIX. Elas possuem diferentes fundos, sendo provenientes do Museu Paulista, do Acervo Plínio Ayrosa da FFLCH, do antigo Instituto Cultural Banco Santos, e da incorporação das coleções das antropólogas Lux Vidal e Vera Penteado Coelho. Atualmente outras coleções etnográficas têm sido negociadas para serem salvaguardadas, como a coleção da antropóloga Regina Polo Müller. O Museu conta com quase 20 mil objetos indígenas, pertencentes a 105 grupos indígenas do país. Portanto, a instituição tem um permanente compromisso com a salvaguarda desses acervos e o papel de comunicar e informar as populações indígenas sobre seus objetos.

A exposição “Resistência Já! Fortalecimento e união das culturas indígenas. Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena”, inaugurada em março de 2019, começou a ser concebida em novembro de 2016 e é a primeira mostra colaborativa com grupos indígenas do Museu. A exposição surge de um compromisso inicial em informar os(as) indígenas sobre seus objetos que estão sob a guarda da instituição, e para requalificar as coleções (CURY, 2017: 199). Na relação museus e indígenas têm sido realizadas discussões sobre o senso de responsabilidade ético desses espaços com as comunidades de quem se possuem acervos. Segundo Marstine (2011), são eixos de uma nova ética museal no século XXI a responsabilidade social do museu a partir do reconhecimento da identidade híbrida de seus públicos, assim como da sua equipe interna; a implementação de práticas preocupadas com uma transparência radical em que se assumem as responsabilidades de suas ações e estratégias de guarda compartilhada de seus acervos.

São curadores(as) da exposição Dirce Jorge Lipu Pereira, Susilene Elias de Melo, Ena Luisa de Campos, José da Silva Barbosa de Campos; Mariza Jorge, Itauany Larissa de Melo Marcolino, Ana Carolina Jorge; Joaquim Antônio Jorge, Kauê Lucas de Melo Deodato, Luiz Fernando Jorge; Paloma Jorge, Pedro Henrique de Melo Deodato, Grupo Cultural Kaingang da TI Vanuíre; Ronaldo Iaiati, Adriano Cesar Campos, Deolinda Pedro, Neusa Umbelino, Maria Rita Campos, Carlos Roberto Indubrasil, Rosimeire Iaiati Indubrasil, Adriana Victor Rodrigues Campos, Amauri Pedro, Ana Paula Victor Campos, Camila Vaiti Pereira da Silva, Luiz Henrique Indubrasil, Raphael Iaiati, Roberta Iaiati Indubrasil, representação cultural da TI Icatu.

Claudino Marcolino, Gleyser Alves Marcolino, Creiles Marcolino da Silva Nunes, Tiago de Oliveira, Alício Honório, Claudinei de Lima, Carlos Eduardo Marcolino Honorio, Carolini Carvalho Marcolino Honorio, Cledinilson Alves Marcolino, Cleonice Marcolino dos Santos, Elber Cristiano da Silva, Gleidson Alves Marcolino, Jamile Marcolino, Jederson M. S. dos Santos, João Victor Pereira, Josias Marcolino, Josué Marcolino, Kessy Cristina Marcolino, Kethilin Cristina Marcolino, Larissa Marcolino da Silva, Lucas Onorio Marcolino, Maria da Gloria Marcolino, Natieli Onorio Cruaia, Poliana Vialba Cezar, Samuel Oliveira Onorio, Vanderson Lourenço, Vanessa Cristina Feliciano, Weriquis Onorio Marcolino, representação cultural da aldeia Nimuendaju, TI Araribá.

Jazone de Camilo, Ingracia Mendes, Alicio Lipu, Admilson Felix, David da Silva Pereira, Gerolino César, Afonso Lipu, Analu Lipu, Luzia Felix, Natalia Lipu da Silva, Vandrielle Daiane da Silva Pereira, representação Terena da aldeia Ekeruá, TI Araribá. Rodrigues Pedro, Candido Mariano Elias, Edilene Pedro, Licia Victor,

Márcio Pedro, Ranulfo de Camilo, representação cultural Terena da TI Icatu. Ana Paula José, Marcio Lipu Pereira Jorge, representação Terena da TI Vanuíre.

Marília Xavier Cury⁴, Carla Gilbertoni Carneiro⁵, Maurício André da Silva⁶ e Viviane Guimarães⁷, profissionais do MAE-USP, articularam esse trabalho curatorial na instituição. As coleções originalmente foram salvaguardadas no Museu Paulista, hoje sob a guarda do MAE-USP, entre fins do século XIX e 1947 na região centro-oeste do Estado de São Paulo. Essa coleta ocorreu com o trabalho antropológico realizado por Egon Schaden⁸, Herbert Baldus⁹ e Harald Schultz¹⁰ nas Terras Indígenas Araribá, Icatu e Vanuíre – habitadas por Guarani Nhandeva, Kaingang e Terena. Esses objetos fazem parte de um conjunto que se relaciona à atuação da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo (CGG), à criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), à constituição de aldeamentos, hoje Terras Indígenas. Outro etnólogo querido pelos(as) indígenas é Curt Nimuendajú, que passou pelo centro-oeste paulista, documentou a situação dos Kaingang e fez importante estudo sobre os Guarani Nhandewa, recebeu seu nome no batismo pelos(as) Guarani. O trabalho desses antropólogos está relacionado a um momento específico da antropologia, e também aos processos de expansão da economia cafeeira e das ferrovias para o interior do Estado de São Paulo no final do século XIX e começo do século XX. Esse “desenvolvimento” promoveu encontros difíceis e traumáticos para as populações indígenas, e esses objetos são parte desse espólio colonial.

O movimento pendular que caracteriza o papel das coleções etnográficas nos museus e no desenvolvimento da própria Antropologia evidencia a trajetória ora de retrocessos ora de transformações, de toda forma aponta para perspectivas futuras. Os caminhos múltiplos que conduziram a produção do conhecimento antropológico, tema abordado por diversos(as) autores(as), também estão no bojo das potencialidades e esquecimentos que assumem as coleções etnográficas nas instituições museológicas. Os museus etnográficos no Brasil seguem esta lógica; foram responsáveis pelo desenvolvimento das primeiras pesquisas antropológicas no país, constituindo, por consequência, as coleções de artefatos mais antigas, com objetivo de serem testemunhos de modos de vida fadados ao desaparecimento; depois passaram por um período de esquecimento, sendo o fazer antropológico, amadurecido nas universidades e pouco voltado para estudos de coleções; atualmente, para além de algum retorno da Antropologia para o estudo da cultura material, as coleções museológicas passam a ser de interesse das populações indígenas, que enxergam nos museus sua potencialidade quanto território que contribuem para reconhecimento e divulgação de suas identidades diferenciadas (ABREU, 2005).

Segundo Van Velthem (2012: 54), as coleções etnográficas apresentam formas de visualização das ideologias e interesses em voga no momento de sua formação, ou seja, o olhar da antropologia e dos(as) antropólogos(as). Essas his-

4 Docente museóloga e coordenadora geral da exposição.

5 Educadora do Museu e atualmente responsável pela DAPE.

6 Educador e atualmente responsável pelo Educativo.

7 Museóloga e atualmente responsável pela área de expografia.

8 Egon Schaden, brasileiro, que estudou e se formou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, onde mais tarde se tornaria professor de Antropologia.

9 Herbert Baldus nasceu na Alemanha e se naturalizou brasileiro. A partir de 1947 se tornou o chefe da Seção de Etnologia do Museu Paulista.

10 Harald Schultz nasceu em Porto Alegre, foi assessor do Baldus no Museu Paulista e participou de muitos projetos de pesquisa pelo país.

Escutas das Narrativas Indígenas na Exposição Colaborativa do MAE-USP: desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus

tórias sobre a formação dos acervos têm um papel importante para os museus, sobretudo para os trabalhos de difusão. Na exposição do MAE-USP os(as) indígenas focaram na ancestralidade e no ser indígena hoje, nesse sentido a história da antropologia ficou sutil mediante a vontade e necessidade de falar de si.

O trabalho foi conduzido pelos três grupos indígenas em todo o processo curatorial, com a tomada de decisões nas distintas ações, desde o aceite na participação do projeto, ao início da curadoria nas aldeias, a vinda ao Museu e a seleção do acervo, e na consolidação da Plataforma Educativa. A curadoria nesse caso é compreendida, segundo Cury (2020: 139), como um conjunto de ações interligadas em torno do objeto museológico, que envolve muitos agentes como curadores(as), como todos os profissionais de museus, pesquisadores(as), educadores(as), conservadores(as), entre outros; os(as) visitantes; agentes que possuem objetos salvaguardados no museu, como os(as) indígenas e os encantados que por meio dos pajés atuam nesse processo. Cabe ressaltar que o trabalho colaborativo com populações indígenas não é inédito no MAE, pois o Museu já utilizou essa metodologia no processo de aquisição da coleção etnográfica do grupo indígena Xikrin, coordenado pela Prof^a Lux Vidal e pela Prof^a Fabíola Andrea Silva (SILVA, GORDON, 2011), assim como em outras pesquisas, porém do ponto de vista comunicacional é a primeira experiência.

O resultado é uma exposição autonarrativa colaborativa, em que os grupos se reconhecem nela, por exemplo, a assistente de pajé Susilene Elias de Melo, Kaingang da TIVanuíre, comenta que toda vez que abre a porta da exposição o seu olho brilha, pois foram elas que escolheram as peças. Essa experiência se insere no processo de tomada dos museus pelos grupos indígenas e especialmente no controle de como suas culturas são representadas e comunicadas, e está relacionada à discussão crescente da descolonização. Tal processo de descolonização dos museus pode ser entendido a partir do engajamento e da participação de muitos coletivos das estratégias museais, o que resulta na transformação da instituição em um nó relacional, como mais um elemento entre muitos outros na sociedade, e dessa forma tira o protagonismo da instituição e o insere em uma teia de relações, que reforça seu posicionamento político (PORTO, 2016).

No Brasil, os museus e suas coleções vêm sendo alvo de projetos inovadores e colaborativos com diferentes coletivos indígenas. Cury (2014, 2017) apresenta um amplo cenário das últimas décadas de museus tradicionais que têm se aberto ao diálogo, por meio de processos que colocam os(as) indígenas como protagonistas e agentes ativos da dinâmica museológica, sendo esse o caso do MAE-USP no momento. Por outro lado, o surgimento de museus indígenas tem se configurado como locais não apenas da transmissão do conhecimento, mas da espiritualidade e do sagrado, onde a figura do pajé, líder espiritual, tem um papel central (CURY, 2017: 102).

Os museus indígenas têm impulsionado e tensionado o campo museológico de uma forma potente e transformadora. Por exemplo, o Museu Indígena Kanindé, localizado no Ceará e criado em 1996 pelo cacique José Maria Pereira dos Santos, o Sotero, revitalizou o campo da museologia. Essa instituição reforçou a riqueza do encontro de regimes de saberes, no seu posicionamento social e político. A curadoria e classificação dos objetos do Museu, em coisas de índios, coisas de velhos e coisas das matas (SANTOS, 2016: 159) marca e reforça a semântica indígena na apropriação do mundo material pela ancestralidade – à medida que a conecta com uma projeção de futuro almejado, sobretudo pelo caráter educacional que a instituição desempenha na região com as novas gera-

ções. Esse Museu, ao abrigar os objetos colecionados e ressignificados, promove uma experiência de si, alterando a dinâmica de representação dos indígenas e criando contranarrativas (GOMES, 2014: 12).

Por outro lado, o crescimento de trabalhos colaborativos entre profissionais de museus tradicionais, antropólogos(as) e indígenas tem contribuído para amplos debates, para um engajamento nas pautas e para um posicionamento crítico dos(as) indígenas em relação à representação cultural (RUSSI, ABREU, 2019). Algumas experiências nos museus tradicionais têm revitalizado o campo, como a exposição “Dja Guata Porã: Rio de Janeiro Indígena” inaugurada em maio de 2017 no Museu de Arte do Rio (MAR), uma curadoria colaborativa com indígenas, em um esforço decolonial de envolver grupos aliados dos espaços museais (GUEDES, BESSA, 2020; VIEIRA, 2019). Ou a exposição “Ser Essa Terra: São Paulo Cidade Indígena”, realizada no Memorial da Resistência em São Paulo e inaugurada em 2019, que teve a sua “curadoria” realizada por mais de vinte representantes de grupos indígenas que residem em São Paulo. Segundo Casé Angatu, o termo curadoria foi mobilizado para curar a cegueira em torno dos povos indígenas na cidade de São Paulo e evidenciar resistências e (re)existências dos povos indígenas (SANTOS, 2020: 123). Segundo Cury (2019: 93), a colaboração é um método que possibilita a negociação entre diferentes agentes e culturas por meio da interação e da tomada de decisão conjunta.

Nesse sentido, as populações indígenas que têm abordado os museus passam a controlar seus recursos, estreitamente vinculado a sua representação cultural. O conhecimento indígena pertence aos seus(suas) criadores(as) e as formas de saberes que se procura produzir nesses museus estão orientadas para seus(suas) utilizadores(as) imediatos(as), ou seja, os próprios indígenas em oposição ao conhecimento ocidental como algo universal (ROCA, 2015: 143). Os museus passam por um momento benéfico e definitivo em suas instituições, com a discussão sobre a descolonização e o estabelecimento de práticas colaborativas. Essa aproximação com as populações indígenas apresenta muitos benefícios para a instituição, especialmente para a área educativa.

O MAE-USP, um museu universitário pertencente a uma das grandes universidades brasileiras, vem se beneficiando desse movimento de olhar para a constituição dos seus acervos e dialogar com contranarrativas. Cabe destacar que a nossa compreensão em torno do processo de descolonização dos museus está relacionada por uma prática decolonial, ou seja, entender os aspectos da colonização e suas dimensões no horizonte de luta, e a lembrança que o colonialismo mantém o seu legado no presente a partir de muitas formas na conformação das noções da subjetividade, da temporalidade e da racionalidade (MADONALDO-TORRES, 2019: 28). Dessa forma, o seu combate é um processo constante e vagaroso, pois estamos mergulhados profundamente no colonialismo do outro.

3.A Plataforma Educativa da exposição

A Seção Técnica de Educação para o Patrimônio (STEP), mais conhecida como Educativo do MAE-USP, possui 40 anos de história no oferecimento contínuo de ações para diferentes públicos (BRUNO, 1984; BRUNO, VASCONCELLOS, 1989; HIRATA, 1985; CARNEIRO, 2009; CARNEIRO, SILVA, 2018). Foram consolidadas algumas estratégias, como formação de professores(as); visitas orientadas às exposições; oficinas de férias; concepção e empréstimo de recursos pedagógicos direcionados às temáticas da arqueologia e da etnologia;

Escutas das Narrativas Indígenas na Exposição Colaborativa do MAE-USP:

desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus

oficinas para idosos(as), trabalho com comunidades do entorno, entre muitas outras ações.

Ao longo dessas quatro décadas a área amadureceu e se consolidou no âmbito da cadeia curatorial. Cabe destacar que o MAE-USP sempre priorizou o trabalho integrado e a participação do educativo nos processos curatoriais, por meio de uma perspectiva museológica. Influenciado pelos trabalhos de Bruno (1984), assim como pela compreensão do processo curatorial, compreendido como um ciclo integrado de ações e procedimentos (MENESES, 1990).

A perspectiva ampla da noção de curadoria está na base desse pioneirismo e desenvolvimento contínuo da área de Educação do MAE-USP. Sua singularidade se destaca com o desenvolvimento dos projetos e programas educativos em consonância com outras frentes de pesquisas, bem como de ações de salvaguarda e comunicação, com destaque para a produção de exposições. Para exemplificar, significa dizer que a equipe de educadores(as) do Museu além de acompanhar todo o processo de discussão para concepção de um projeto expositivo, apresenta os interesses e expectativas do público como balizas para o seu desenvolvimento. Essa forma de participação do Educativo é algo específico e particular do MAE, e coloca a instituição em posição de destaque em relação aos demais museus dentro da Universidade e fora dela¹¹.

O Educativo do Museu funciona por meio de Programas permanentes e que possuem uma dinâmica própria, independentemente de ter exposição em cartaz. O Programa de Mediação oferece visitas orientadas nas exposições, na Reserva Técnica Visitável, que possui uma importante coleção de artefatos da arqueologia amazônica, e também Oficinas de Férias para famílias e para o público infantojuvenil. O Programa de Formação possui dois eixos de atuação, sendo o oferecimento de cursos para professores que procuram estreitar as relações com os trabalhos e conteúdos desenvolvidos pelo Museu e a formação de bolsistas e estagiários. O Programa de Recursos Pedagógicos desenvolve materiais educativos que são emprestados às escolas como recursos didáticos no tratamento das temáticas da arqueologia e da etnologia (VASCONCELLOS, 2014). O Programa de Acessibilidade busca diminuir as barreiras físicas, simbólicas de pessoas com e sem deficiências, seja idosos, pessoas em vulnerabilidade social, pessoas com deficiência (VASCONCELLOS, 2010; VASCONCELLOS, SILVA, 2017; 2018). Por fim, o Programa de Ações Extramuros desenvolve atividades fora do espaço físico do Museu a partir de palestras, cursos em outras instituições, assim como participação em projetos de pesquisa acadêmica nas áreas da arqueologia e da etnologia (CARNEIRO, 2009; SILVA, 2015). Destacamos também que o Educativo do Museu possui uma longa trajetória na abordagem da temática indígena, por meio de ações e recursos que promovem especialmente o desenvolvimento das noções de alteridade e do respeito a sócio diversidade cultural indígena, por meio da abordagem antropológica (VASCONCELLOS, 2015; VASCONCELLOS, CARNEIRO, ELAZARI, 2008).

Mediante esse histórico de práticas para a elaboração da Plataforma Educativa da exposição, partimos do lugar da escuta e do aprendizado com os grupos indígenas. Entre os anos de 2016 e 2018, foram mais de dez idas às aldeias, que possibilitaram redesenhar as ações de acordo com as expectativas de todos(as) os(as) envolvidos(as). Um momento crucial desse processo ocorreu em julho de 2018, quando representantes dos três grupos passaram uma sema-

¹¹ A realidade do envolvimento dos educativos no processo curatorial acontece somente quando a exposição está quase pronta ou inaugurada, para que a área possa ampliar as estratégias de comunicação ou mesmo a tornar mais palatável aos públicos.

na no MAE, para requalificar as coleções e para conhecer o Museu. O impacto sobre os grupos indígenas foi muito positivo, passaram a ver a instituição como um bom lugar para guardar seus objetos para futuras gerações (CURY, 2020: 141). Segundo Claudino Marcolino, cacique da aldeia Nimuendajú, da TI Araribá, na ocasião de um evento do Museu Índia Vanuíre ele salienta:

Hoje graças a Nhanderu nós estamos aqui debatendo, aproveitando da parte do museu, é uma parte que nós somos obrigados às vezes até conhecer, porque é aqui que deixamos a nossa história, nós tivemos lá no MAE em São Paulo com a Marília [Xavier Cury], lá conhecemos a história do nosso passado, eles que guardavam no museu para nós, onde o meu avô, meu bisavô tem peças lá guardadas. Eu achei superimportante, é através do museu que nós guardamos a nossa história também, mas nós não desistimos. (IAIATI, CAMILO, MARCOLINO, 2020: 25)

Nessa ocasião também apresentamos alguns dos Programas Educativos, a forma como trabalhávamos, a exposição que estava em cartaz, “Polis: Viver na Cidade Grega Antiga”, e como era realizado o atendimento aos públicos.

Uma outra semana de trabalho nas aldeias foi dedicada exclusivamente para a apresentação do esboço da Plataforma Educativa, que buscou conciliar a herança de ações realizadas no Museu com a necessidade da sua renovação a partir do protagonismo e voz indígena. Em cada aldeia foram realizadas apresentações e escutas. Nossos(as) parceiros(as) indicaram algumas sugestões de condução do trabalho, especialmente quando eles(as) não estivessem no Museu, Cândido Mariano Elias, pajé Terena da TI Icatu, fez uma colocação esclarecedora e desafiadora nesse sentido. Após a nossa explanação sobre o esboço das ações educativas, ele comentou: “nós confiamos em vocês e sabemos que vão vestir a camisa”. Essa fala carinhosa e acolhedora indicou o início da colaboração e da confiança com a equipe técnica do Museu¹².

O espírito geral de trabalho do Educativo com essa exposição parte da colaboração e do respeito ao protagonismo da fala indígena. Em uma área onde não se tem nenhum(a) educador(a) indígena, é um grande desafio entender qual o local ético de enunciação das falas. Dessa maneira a autonarrativa dos(as) indígenas no discurso expográfico pode ser potencializada, assim como a compreensão das muitas expressões e características das narrativas não indígenas. Nesse processo os públicos do Museu, majoritariamente não indígenas, são tensionados a refletirem a partir do contato com as autonarrativas, sobre quem são, de onde vêm, e qual a relação com as histórias e o legado indígena. O trabalho Educativo está engajado com a resistência dos grupos indígenas e promove o combate à intolerância, ao preconceito e ao desrespeito à diferença. A equipe do Museu, e a instituição, se posicionam em defesa e ao lado dos povos indígenas em suas lutas por reconhecimento, território e direitos. Estamos com os grupos indígenas, não existe neutralidade institucional nesse trabalho.

Nessa perspectiva, de um espaço repleto de vozes, os desafios do Educativo partem da negociação de todas ações desenvolvidas com os povos Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena do centro-oeste paulista; da busca do lócus de enunciação das falas dos(as) educadores(as); da construção da interculturalidade; da implementação de mediações autonarrativas indígenas e não indígenas; da busca de não falar pelas populações indígenas, mas com elas; da manutenção do espaço de confiança cedido pelos(as) indígenas à equipe do MAE-USP; do

12 Cabe sinalizar que somente a Profª Marília Xavier Cury tinha trabalhos colaborativos prévios com esses grupos e os conhecia. As demais equipes do Museu iniciaram o trabalho a partir da exposição.

Escutas das Narrativas Indígenas na Exposição Colaborativa do MAE-USP: desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus

respeito às decisões tomadas entre a equipe do Museu e as populações indígenas; da ética do segredo e da confiança. Essas diretrizes desenhadas ao longo do processo são norteadoras para o trabalho desenvolvido, especialmente pela equipe do Museu.

Outro desafio latente foi a promoção da reflexão “quem eu sou”, “qual a minha cultura”, com os grupos visitantes. Por meio da implementação de uma discussão de que qualquer pessoa pode ser o outro, dependendo do contexto em que se insere, onde suas diferenças podem ser acionadas como marca de desigualdade. A abordagem crítica do eixo da interseccionalidade, ou a articulação de categorias que buscam relacionar classe, gênero, geração, sexualidade, raça, etnia entre muitos outros, tem sido enriquecedora nessa direção de promover visões mais amplas sobre a temática indígena a partir de si¹³. Um movimento potente que tem sido realizado também são escutas do público “não indígena” visitante da exposição e suas reações e impressões, conflitos, transformações, interesses por meio dos relatórios de avaliação da equipe. Busca-se delimitar o ethos “ser paulistano” em relação às questões e temáticas indígenas.

Nesse trabalho com as populações indígenas, o Educativo coloca-se como parceiro, respeita o protagonismo delas na apresentação de suas culturas e de suas vidas. A abordagem da equipe do Museu caminha no sentido da enunciação dos aprendizados da relação o que eu aprendi com elas e eles; os direitos que eu reconheço que eles(as) possuem; as experiências vividas que me ensinaram, e da mesma forma a vivência em torno do processo curatorial como um todo.

Ao longo do trabalho colaborativo foi percebido que seria necessário viabilizar a participação dos(as) como educadores(as) durante a mostra, além de terem sido curadores(as). Com essa ampliação da participação e da possibilidade de atuarem nos programas educativos, o Museu potencializou a voz e a visibilidade indígena da exposição. Dessa forma, o pedido de apoio à Reitoria da Universidade de São Paulo para a concretização da exposição incluiu a viabilização financeira dessas ações. Ao longo da exposição, uma semana por mês se tem a presença de uma dupla de cada grupo indígena.

4. Ação educativa indígena com os públicos não indígenas na exposição

A primeira abertura da exposição ocorreu em março de 2019 com a presença do grupo Kaingang, a segunda ocorreu em maio com a presença Guarani Nhandewa, e a terceira foi em junho com a presença Terena. Foram necessárias três aberturas para que o Museu viabilizasse a participação de distintas parcelas das aldeias do centro-oeste do Estado de São Paulo na USP e pudesse acomodar todos(as), em média entre 50 e 60 participantes por evento. O objetivo foi possibilitar que o grupo indígena formado por crianças, jovens, adultos e idosos pudesse ver o resultado final do trabalho realizado ao longo de dois anos e dessem as boas-vindas. Como informa Susilene Elias de Melo, a exposição foi um filho que nasceu após um longo período de gestação. A dimensão sagrada também foi amplamente acionada nessas inaugurações, pois foi uma abertura oficial ao público e também ocorreu um trabalho com o mundo espiritual, segundo nos relataram os pajés, como discute Cury (2020) os encantados também são curadores da exposição.

13 Essas discussões tem sido ampliadas por meio do acompanhamento dos trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Estudos sobre os Marcadores Sociais da Diferença (NUMAS) do Departamento de Antropologia da FFLCH.

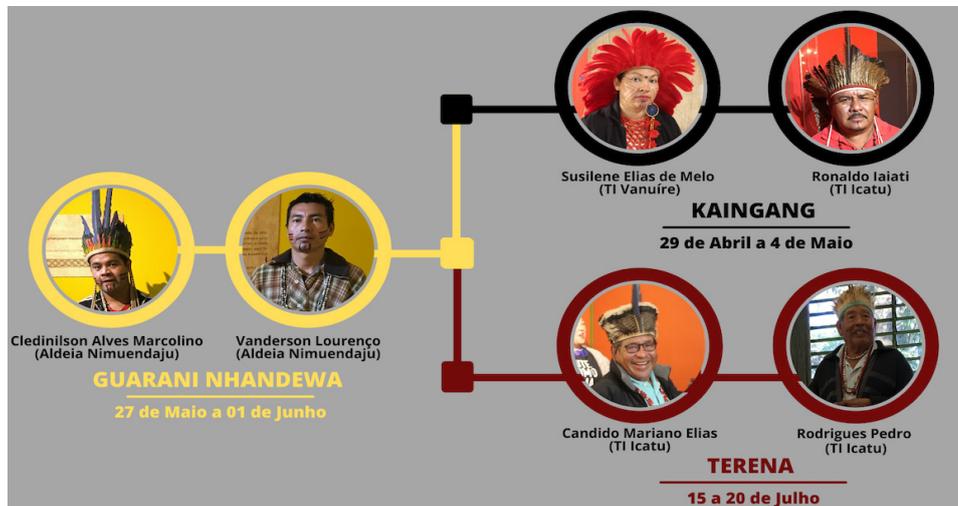
Imagens 1 e 2: Dirce Jorge Lipu Pereira, pajé Kaingang na abertura da exposição em março de 2019. Grupo masculino Terena realizando a apresentação da dança da ema em junho de 2019.



Fotos: Maurício André da Silva.

A partir de abril, o trabalho do atendimento do público com a dupla de curadores(as), educadores(as) indígenas foi iniciado. O projeto previu a vinda e contratação¹⁴ de dois indígenas por mês para atuar com os públicos. A escolha desses representantes ficou a critério das lideranças de cada aldeia ou grupo cultural, que eram consultadas sobre quais pessoas poderiam passar uma semana no desenvolvimento das atividades no Museu. Essa organização também foi articulada entre aldeias, pois, por exemplo, o grupo Kaingang está localizado na TI Icatu e na TI Vanuíre¹⁵, o grupo Terena está nas três TIs. Dessa forma ao longo de 2019 o Museu teve o prazer de trabalhar em conjunto com os(as) parceiros(as) apresentados(as) no infográfico abaixo:

Imagem 3. Card com o infográfico da participação dos(as) curadores(as) indígenas no primeiro ciclo.



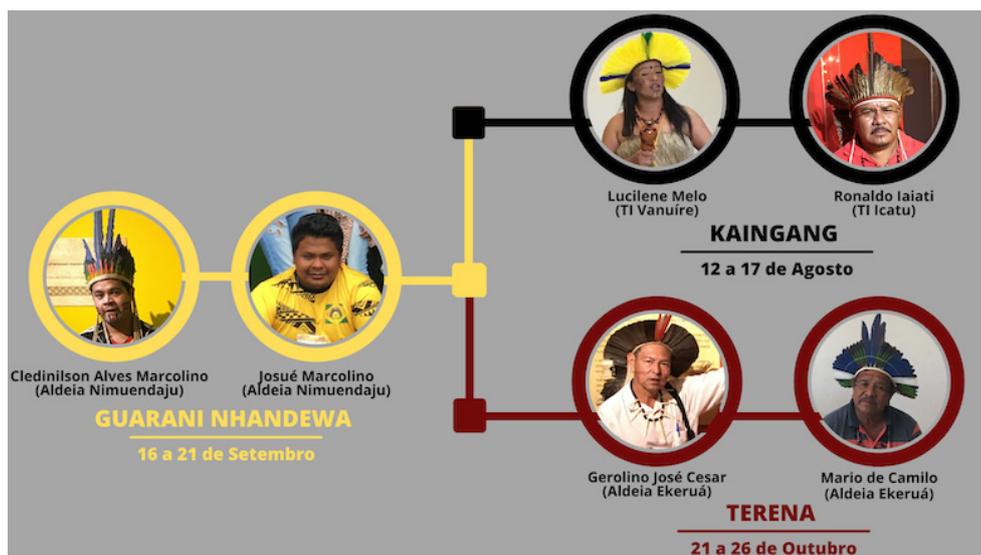
Arte Lucas Rahyn e Elloa Lima, 2020.

14 O Museu teve o cuidado de contratar esses profissionais indígenas para atuarem na exposição dentro das possibilidades institucionais, como qualquer outro especialista.

15 É importante salientar que no projeto expográfico e na ação educativa da exposição foi previsto o pagamento do dia de trabalho dos(as) indígenas no Museu de acordo com a tabela de pagamentos da Universidade para pró-labore. Além do pagamento do trabalho, o Museu disponibilizou alojamento e alimentação para todo mundo.

Escutas das Narrativas Indígenas na Exposição Colaborativa do MAE-USP:
desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus

Imagem 4. Card com o infográfico da participação dos(as) curadores(as) indígenas no segundo ciclo.



Arte Lucas Rahyn e Elloa Lima, 2020.

A dupla de indígenas que trabalhou no atendimento educativo do Museu durante uma semana, entre os meses de abril e novembro de 2019, dialogou com diferentes públicos, relacionados aos Programas apresentados anteriormente. As atividades mantiveram um cronograma semelhante de ações oferecidas em cada semana, como visitas orientadas à exposição com escolas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio; formação de professores(as); formação da equipe de bolsistas, alunos(as) da graduação que atuam no Museu; atendimento das crianças em vulnerabilidade social da comunidade São Remo, vizinha à Universidade; atividades de férias com o público infantojuvenil no mês de julho; participação na Oficina para Idosos, Arqueologia 60+; atendimento dos adultos do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) da comunidade São Remo; atividades para famílias aos sábados. As duplas de colaboradores(as) também participaram de ações específicas, como no caso da palestra que Cândido Mariano Elias e Rodrigues Pedro realizaram para dezenas de professores(as) na abertura do Encontro USP Escola, organizado pelo Instituto de Física e na Semana da Mulher Indígena, que ocorreu em março de 2020.

Imagens 5 e 6. Susilene Elias de Melo conversa sobre as peças Kaingang com idosos(as). Ronaldo Iaiati recebe crianças da comunidade São Remo, 2019.



Fotos Autor.

Nossos(as) parceiros(as) indígenas ocupam distintos espaços em suas culturas, temos a presença de lideranças, caciques, pajés, veteranos(as), professores(as) que conferem uma visão específica e por sua vez aproximações e recortes com os públicos na exposição. Em termos de trabalho colaborativo entre o Educativo com as duplas, a condução ocorreu mediante a apresentação do cronograma semanal de ações e do perfil de cada grupo. A partir dessas informações, os(as) indígenas se organizaram na melhor condução dos encontros. O trabalho foi sendo construído coletivamente e com a busca de equilíbrio entre expectativas de ambos os lados, do lado indígena e do não indígena. Nós do Educativo sempre nos colocamos no lugar do acompanhamento, da escuta, do apoio quando solicitado, do apontamento de caminhos e estratégias. As poucas intervenções ou entradas nas visitas por parte da equipe do MAE foram bem pensadas e avaliadas. Ver o nosso espaço de trabalho sendo operado de outra maneira é um exercício interessante para qualquer profissional de museu. Grande parte dos(as) indígenas já tinha realizado esse tipo de atividade no Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre, localizado na cidade de Tupã, que atua com as aldeias do entorno, além de possuírem seus próprios museus, logo não era uma novidade receber grupos em uma exposição.

Em São Paulo, especialmente nossos(as) parceiros(as) também têm implantado seus museus, como o Museu Worikg – Kaingang, na TI Vanuíre, gerenciado pela pajé Dirce Jorge Lipu Pereira e sua família (PEREIRA et al., 2020); o Museu Akãm Orãm Krenak – TI Vanuíre, gerenciado pela Lidiane Damaceno Cotui Afonso e sua família (AFONSO et al., 2020). Também está em processo de discussão a implantação do Museu Guarani Nhandewa na Aldeia Nimuendajú (OLIVEIRA et al., 2020); do Museu Terena na aldeia Ekeruá (CAMILO et al., 2020); e do Museu Kaingang e Terena na TI Icatu (IAIATI et al., 2020). A criação de museus indígenas pelo país nos últimos anos tem ocorrido por meio de um processo de apropriação dessas instituições ocidentais, da ressignificação das noções patrimoniais e do uso a favor das pautas e cosmologias indígenas (GOMES, 2019; SANTOS, 2019).

Ao longo desses dois ciclos de escutas dos(as) curadores(as), educadores(as) indígenas na exposição, levantamos algumas questões para ampliar a discussão sobre os processos de descolonização dos museus e da própria educação museal. Vamos apresentar alguns pontos e perguntas que esses encontros nos fizeram refletir, ou começar a questionar em relação a nossa prática. Cabe ressaltar que analisamos essas narrativas a partir de uma escuta atenta, como nos ensina Paulo Freire “Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele” (FREIRE, 2014:111).

Em nenhuma das visitas as duplas indígenas falaram sobre a cultura do outro grupo, mesmo quando perguntado pelos visitantes. Kaingang falou da cultura Kaingang, Guarani Nhandewa da cultura Guarani Nhandewa, e Terena da cultura Terena¹⁶. O que essa postura diplomática no espaço expositivo nos faz refletir sobre o trabalho de “não indígenas” com a cultura indígena? Susilene Elias de Melo, assistente de pajé, nos esclarece que existe uma parede de vidro que separa os três módulos da exposição para ela. Em respeito aos demais povos ela abordou somente sua cultura, pois qualquer explicação poderia reduzir o significado da cultura do outro. As visitas oferecidas pelos(as) indígenas caminharam sempre pela experiência de vida com a cultura, diferente de nós

16 Nas TIs dos(as) indígenas da exposição.

Escutas das Narrativas Indígenas na Exposição Colaborativa do MAE-USP:

desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus

que aprendemos sobre o mundo indígena pelos livros, em sua grande maioria escrita por não indígenas.

Geralmente o trabalho realizado pelos educativos dos museus possui uma estrutura básica na condução de grupos. Esse formato dura em média 1h30min, ou menos tempo, de acordo com a faixa etária e pode ter um acolhimento do grupo, uma visita ao espaço expositivo e depois uma oficina prática, que reforça o argumento expográfico a partir do fazer. Com nossos colaboradores e colaboradoras percebemos outras maneiras de atuar com muita eficácia e sucesso. Como por exemplo, em alguns casos a visita iniciou pela oficina, outros, um maior tempo e enfoque foi dedicado ao acolhimento, do que à própria exposição etc.

Os objetos etnográficos salvaguardados pelo Museu possuem muitas camadas e nesse trabalho colaborativo com grupos indígenas passamos a compreender um pouco sobre sua dimensão ancestral e espiritual. Para o cacique Ronaldo Iaiati, logo no início de uma conversa com um grupo de estudantes, ele coloca o MAE como um local onde se sente bem devido à força espiritual das peças, ele volta para sua aldeia cheio de ideias. Susilene Elias de Melo, em outra ocasião com um grupo de professores(as), responde que todos os objetos estão relacionados aos ancestrais, quando indagada quais objetos estariam relacionados aos sepultamentos. Os museus são espaços da espiritualidade e do sagrado (CURY, 2019).

Nessas escutas compreendemos que os objetos não são compostos somente pela sua dimensão material. O Museu, segundo nos ensina o pajé Terena Candido Mariano Elias, não é o local onde estão somente as peças, mas sim os antepassados, por isso o respeito à instituição. Em muitas visitas, antes de adentrar a exposição, diante dos grupos agitados e na expectativa de ver as peças, nossos(as) colaboradores(as) pediam para os grupos entrarem de forma respeitosa. O efeito desse enunciado era perceptível nos grupos, de crianças a adultos, que mudavam sua postura e por sua vez estabeleciam outras relações com as peças. Eficácia que seria completamente diferente se nós não indígenas solicitássemos o respeito.

Quando nossa parceira indígena abre a porta do espaço e comenta com o grupo, “Olhem! A exposição é falante”. Independente da visão de mundo do(a) educador(a), nosso trabalho passa a ocorrer de outra forma, a partir do momento em que estabelecemos a colaboração, especialmente em detrimento de como percebemos a ligação entre os objetos e os grupos indígenas. O professor Guarani Nhandewa Cledinilson Alves Marcolino nesse sentido ensina para uma visitante e para todos nós que a exposição do ponto de vista espiritual é muito intensa, devemos nos preparar e pedir respeito ao adentrá-la.

Imagens 7 e 8. Candido Mariano Elias pajé Terena diante da vestimenta masculina da dança da ema em uma formação de professores(as). Vanderson Lourenço professor Nhandewa conversa com professores(as) em uma formação, 2019.



Foto: Autor

O professor Vanderson Lourenço, Guarani Nhandewa, em uma ocasião solicitou para as crianças entrarem em silêncio, pois as peças ouvem. As categorias que recorrentemente operamos em torno dos objetos no âmbito dos museus, da educação museal, não são suficientes para descrever o que de fato eles significam para os grupos indígenas. Essa compreensão é um primeiro passo para entendermos de onde enunciamos nossas falas e como fazer essa aproximação do público com as peças, sem que isso diminua a vivência do outro. Dessa forma podemos pensar que a dimensão do sagrado e da espiritualidade também atua no trabalho educativo com os públicos, os encantados participam de todo o processo curatorial. Segundo a pajé Dirce Jorge Lipu Pereira e sua assistente Susilene Elias de Melo, o museu é uma casa sagrada.

Pra quem lida, pra quem está no museu, porque o museu também para nós é uma casa sagrada. Então, a gente sempre está falando de respeito, com tudo o que vocês pegarem: pede licença, "aí eu vou pegar uma peça: oh, me dá licença! Eu vou te pesquisar, eu vou te ver, vou pegar. (PEREIRA, MELO, 2020: 32)

Nas visitas os objetos ativam o local da experiência e da vivência, dessa forma quando o público pede para que falem da cultura indígena, são contadas histórias da relação com a família, com os mais velhos e com os antepassados. Segundo José da Silva Barbosa de Campos, o Zeca, indígena Kaingang da TI Vanuíre, ao visitar o acervo do MAE para a requalificação das coleções antes da abertura da exposição, salientou que pôde ver presencialmente arcos e flechas, que tinha conhecido somente em fotos, e especialmente as peças da sua avó Candire, que o emocionaram, pois era como se estivesse vendo o corpo dela (PEDRO et al., 2020: 102). A percepção da mobilização do sagrado pelos grupos indígenas com os objetos gera fricções e perguntas em todos(as) nós profissionais de museus, devido à forma como operamos museologicamente e cientificamente com esses objetos. Como não indígenas, realizar uma visita somente com o enfoque em uma análise tecnológica funcional dos objetos seria um desrespeito? Falar sobre o sagrado dos(as) indígenas não seria ocupar o seu lugar? A maneira como aproximamos os objetos das exposições antropológicas e arqueológicas das pessoas se dá por meio de suas análises tecnológicas, formais, culturais, pelo estabelecimento de analogias, entre outras aproximações, dificilmente pela experiência de uso. O contato com a temática indígena no país, especialmente na cidade de São Paulo ocorre por meio dos conteúdos escolares, que novamente em sua maioria são produzidos por não indígenas.

Essas narrativas em primeira pessoa também marcam o local das emoções e dos sentimentos. Em distintas ocasiões e interações com os públicos as emoções são local de partida para o encontro, como a saudade, a felicidade, a tristeza, a indignação, e inclusive o luto. Na semana entre 12 e 17 de agosto de 2019, o Educativo do Museu recebeu a parceira Lucilene Melo, Kaingang da TI Vanuíre, e o parceiro Ronaldo Iaiati, cacique Kaingang da TI Icatu. Logo no primeiro dia de trabalho, segunda-feira, Ronaldo se apresentou para um grupo de adolescentes do Ensino Fundamental e comentou de forma emotiva que era um prazer conhecer a turma, e estar naquele local, mas que estava mexido emocionalmente pois um parente da aldeia estava doente. Ele se sentia feliz por estar no Museu promovendo a cultura Kaingang, mas também pensava sobre o peso de não estar em casa naquele momento. Ao longo da semana, com diferentes grupos, a memória do parente veio à tona a partir de palavras emotivas, demonstração de sentimento e carinho pelo amigo.

Na sexta-feira de manhã, infelizmente o parente veio a falecer, prontamente nós do Museu providenciamos o retorno de Lucilene e Ronaldo para suas TIs, especialmente do cacique. Nós educadores(as) assumiríamos o trabalho para que pudessem retornar. Entretanto, decidiram atender uma última escola pela manhã e voltarem para suas aldeias depois do almoço. Durante o acolhimento do grupo, todos sentados em roda, em silêncio para o início da conversa, Ronaldo se apresenta e, a partir de muitas lágrimas, fala sobre o acontecimento e o que estava sentindo. Em relação ao seu amigo que partiu, de como seus parentes deveriam estar na aldeia, os familiares, pois era um guerreiro que estava fazendo a passagem. Nesse momento metade da turma de adolescentes passou a chorar junto com o cacique, em uma cena nunca presenciada no MAE.

Ao longo de toda a visita a lembrança do parente era retomada. Ela foi conduzida do início ao fim a partir das emoções e sentimentos. Todo mundo que estava presente foi tocado pela situação. Acreditamos que esses jovens quando crescerem podem não se lembrar ao certo de muitos aspectos da visita, mas nunca vão esquecer que um dia vieram ao MAE e choraram junto com um indígena. Esse é o potencial da exposição autonarrativa, conectar pessoas com as experiências e existências indígenas. Essa foi uma das situações mais marcantes e fortes presenciadas no trabalho educativo, que somente quem vivencia a cultura e não somente a estuda pode proporcionar.

Essas situações nos fazem pensar como profissionais de museus, quais emoções, sensações temos provocado em nossos públicos? Susilene Elias de Melo, ao término de uma semana repleta de ações, nos pergunta, para nós profissionais do MAE, qual a nossa sensação com a presença deles(as) e como nos sentimos quando não estão presentes conosco na condução do trabalho com o público? O processo colaborativo aproxima diferentes agentes não somente a partir do trabalho cujo objetivo é construído coletivamente, mas estabelece envoltórios emocionais e pessoais. Seu Candido Mariano Elias comentou durante a atividade de férias com o grupo de crianças, o mais importante é o carinho e o amor que nós damos elas. Como enfatiza Paulo Freire (2014) é por meio da convivência amorosa, aberta e curiosa que podemos provocar os(as) alunos(as) a se assumirem como sujeitos socioculturais. Ao final de nossos trabalhos educativos com os públicos dentro dos museus, como mensuramos que uma visita cumpriu os seus objetivos? Quais são as métricas e dados que muitas vezes produzimos para alimentar e justificar a existência do nosso próprio trabalho? Como quantificar as emoções e traduzir isso em dados e planilhas, que inclusive com os novos formatos de museus são fundamentais para as próprias justificativas e financiamentos dos programas.

Outro aspecto é a potencialização do local da denúncia e da resistência indígena, sobretudo no cenário político e social atual. Em algumas situações os estereótipos e visões equivocadas vieram à tona nos encontros e as duplas foram extremamente diplomáticas e acolhedoras, ou seja, resilientes com a ignorância e a falta de conhecimento dos não indígenas. Foram discutidos o problema do uso do termo “pega a laço” que escamoteia violência e estupro; a visão crítica sobre os aldeamentos do SPI e da Funai; o posicionamento bem marcado contra a política atual do país no que diz respeito às populações indígenas e ao meio ambiente de modo geral, entre outros aspectos. Muitos(as) estudantes perguntaram qual a visão indígena sobre o governo atual e sua política ambiental, que renderam boas discussões.

O trabalho realizado pelos(as) indígenas na exposição tem um papel transformador nos públicos, mas especialmente na equipe do Museu. Por meio do acompanhamento e da escuta de todas as visitas realizadas, algumas situações nos ajudam a repensar a educação museal de forma mais ampla. A nossa formação como educadores(as) de museus faz que no trabalho busquemos especialmente estratégias para aproximar as pessoas dos objetos expostos, pois consideramos isso importante e eles são a razão de existência dessas instituições. Ao observar as visitas indígenas, no início, ficávamos instigados(as) pelo fato de os objetos não serem muitas vezes mobilizados como nós fazemos. A cultura e a experiência de vida indígena foram o centro da atividade, conforme fomos aprendendo ao longo dos encontros, os objetos eram importantes, mas não de onde parte a discussão, e sim acompanhantes, como se os ancestrais estivessem ao lado segurando os objetos. Nesse sentido, as separações comumente realizadas por nós entre os objetos coletados pelos antropólogos, logo mais antigos, e os concebidos pelos grupos para a exposição, ou seja, recentes, nas visitas indígenas eram tratados da mesma forma.

Por fim, a condução do trabalho educativo que foi encaminhada por curadores(as) da exposição abre outras perspectivas sobre o sistema de funcionamento dos museus. Especialistas não indígenas podem se deixar tocar pelos encontros com os públicos e se permitir transformar por meio dessas ações. Quais curadores(as)¹⁷ se disponibilizam a passar uma semana com o educativo da instituição para realizar o atendimento dos mais variados públicos. O trabalho compartimentado e segmentado tão comum e crescente no universo dos museus no século XXI pode ser repensado a partir dos trabalhos colaborativos. Em muitos momentos da mediação nossos(as) colaboradores(as) falavam de si, inspirados pelos objetos e pelos antepassados, mas em um movimento que escapa da maneira como geralmente trabalhamos nos espaços museais. Dessa forma nos perguntamos como educador(a) de museus em que situações e lugares do nosso trabalho assumimos esse espaço pleno da experiência e do saber? Algo próximo que é tão debatido por nós educadores(as) de museus sobre o lugar da experiência, sendo aquela que nos atravessa e algo acontece, com a suspensão da opinião (BONDIA, 2002).

5. Desafios da ação educativa não indígena em uma exposição indígena colaborativa

Ao longo das escutas das narrativas indígenas construímos alguns desafios para a busca desse lugar ético no trabalho de mediação, que pode ajudar na condução das ações. Cabe ressaltar que esse processo é constante e não é dado a priori, como se sentir desconfortável no trabalho educativo na exposição, pois se nos sentirmos totalmente à vontade para falar sobre a vida do outro é porque estamos ocupando o seu lugar; assumir a dimensão política de nossas ações e se engajar com as pautas dos(as) nossos(as) parceiros(as) indígenas; pesquisa e estudo constante sobre a cultura indígena escrita pelos próprios indígenas e sobre os processos colaborativos, decoloniais; aproximar o nosso trabalho ao máximo dos(as) indígenas e entender e respeitar o protagonismo deles(as), ou seja, estar atento ao momento de ouvir, ouvir e ouvir e sair de cena; falar de nós,

¹⁷ Nesse sentido apresentamos a concepção recorrente do universo dos museus de que curador é a pessoa ultra especialista naquele determinado assunto e geralmente conduz o trabalho curatorial de maneira individual.

Escutas das Narrativas Indígenas na Exposição Colaborativa do MAE-USP: desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus

quem somos e de nossas histórias para compreender os limites do falar de si; e sempre indicar qual o nosso espaço e como nos aproximamos e relacionamos com a história indígena, como interessados no tema, como aprendizes, como pesquisadores(as) etc.

Imagens 9 e 10. Cledinilson Alves Marcolino e Josué Marcolino, professores Nhandewa atendem estudantes da Educação de Jovens e Adultos da comunidade São Remo. Gerolino José Cesar e Mário de Camilo, lideranças Terena, recebem o mesmo grupo, 2019.



Foto: Autor

Algumas estratégias que contribuem nesse sentido com os desafios acima são fomentar ações que conectem o repertório e a experiência de vida dos visitantes com as questões indígenas; proporcionar situações criativas e atentas para ajudar os públicos a perceberem que eles(as) também são o outro, dependendo do contexto em que se situam; estimular que as pessoas superem o olhar da falta para as populações indígenas; promover situações que possam articular discussões em torno de outras categorias sociais da diferença como gênero, raça, sexualidade, classe, geração, entre muitas outras como um exercício potente de alteridade.

Sobre essa percepção em torno de quem são os visitantes e quem são os povos indígenas, temos que levar em consideração que 99% do público que visita o MAE são não indígenas atribuídos por uma série de outros marcadores sociais da diferença. Nosso trabalho educativo busca evidenciar e denunciar a norma, branca, europeia, cristã, masculina etc. que nos rege, e contribui para que os(as) visitantes pensem sobre onde estão localizados. Abordagens inseridas na discussão pós identitária tem contribuído para promover a diferença, por meio dos trabalhos educativos com os públicos (SILVA, 2019). As visitas conduzidas por nós não indígenas têm buscado promover percepções autonarrativas, que partam do nosso local de experiência no mundo, para que possamos delimitar o nosso lugar e, com isso, entender e respeitar o lugar indígena. Como a partir da minha experiência única no mundo, posso promover nos(as) visitantes a reflexão de quem são e como sua posição ou locus social se aproxima ou distancia da temática e luta indígena? Como indica Brulon (2020: 26) o caminho da descolonização dos museus passa pela identificação de muitos sujeitos nos processos de musealização, de modo a questionar o lugar do olhar dominante.

Temos promovido nos encontros de formação semanal da equipe¹⁸ um espaço para que cada membro fale de si, quem é, de onde vem, qual a sua origem. Esse momento é crucial para pensarmos nos diferentes marcadores que

18 O Educativo do Museu possui dois educadores(as) concursados e atua com a formação de estudantes de graduação da USP que participam das bolsas oferecidas pelo Museu. Os(as) bolsistas podem renovar as bolsas até quatro anos, o tempo de média de permanência é entre 2 e 3 anos.

nos constituem e também para entendermos a dificuldade de falar sobre nós mesmos, sobre o que revelamos e sobre o que optamos guardar. O desafio de falar de si é imenso, mas muitas vezes naturalizamos para os “outros” como algo banal e fácil de se fazer, sobretudo em relação a questões traumáticas. Essa identificação das diferentes origens da equipe ajuda na compreensão de como nossas histórias de vida se conectam com as indígenas. Da mesma forma, para entendermos, a partir de nosso corpo, que nem todos os aspectos de nossas vidas gostaríamos que fossem mobilizados e articulados por outras pessoas como um elemento de diferença cultural.

Buscar o lugar ético da mediação em relação às autonarrativas indígenas é complexo, pois temos de estar atentos(as) aos processos de escolha de como mediar, como falar e como favorecer a voz indígena, mesmo que nossos(as) parceiros(as) não estejam presentes naquele momento. Uma estratégia adotada foi a elaboração de 40 vídeos curtos com pajés, ceramistas, professores(as), caciques, lideranças, jovens, sobre diferentes assuntos. Dependendo do momento e da discussão, podemos utilizar o vídeo do seu Cândido Elias falando sobre a constelação da ema, ou do cacique Ronaldo Iaiati que fala sobre o papel de uma liderança, por exemplo. Esses vídeos utilizados em um tablet no meio das visitas auxilia para ampliarmos as discussões e para potencializarmos essas vozes. O uso do próprio corpo, da escrita e literatura, do rádio e da web pelos grupos indígenas têm possibilitado formas outras de comunicação, mas também novas maneiras de representar a si mesmos, de habitar o mundo e representá-lo, em que são vinculadas novas formas cognitivas e práticas culturais (PEREIRA, 2012: 40).

O processo de aprendizado e de colaboração com os(as) indígenas continua e mesmo com o fechamento temporário da exposição por conta da pandemia, temos buscado a interação e o diálogo com nossos(as) parceiros(as) pelos meios digitais. Um processo colaborativo tem início, mas nunca tem fim, pois as redes de afeto, apoio e interação vão abrindo novos horizontes e caminhos.

6. Considerações finais

A exposição “Resistência Já! Fortalecimento e união das culturas indígenas. Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena” é um marco para o trabalho educativo do Museu, assim como para toda a instituição do ponto de vista da comunicação museológica. Estamos no processo de aprendizagem por meio da colaboração de novas formas de abordar ética e politicamente as questões indígenas, da mesma forma, os limites que as ações podem ter nos espaços dos museus carregados de histórias e trajetórias coloniais. A área de arqueologia na instituição é mais forte e conseqüentemente os trabalhos de comunicação são mais recorrentes com essa temática, a partir da experiência colaborativa com nossos(as) parceiros(as) indígenas, até mesmo a forma de abordagem da longa duração da arqueologia tem se transformado. Os impactos desse processo não se esgotam nessa exposição, mas possuem reflexos em outras frentes de atuação do Museu. O Educativo não será mais o mesmo.

Atualmente os trabalhos colaborativos em museus tradicionais com povos indígenas têm crescido, com reflexões sobre os processos curatoriais, a requalificação das coleções, a concepção de exposições, a descolonização das práticas etc., entretanto, se tem pouco debate a partir dos educativos e dos(as) educadores(as). Compreender os impactos que esses processos acarretam nas

Escutas das Narrativas Indígenas na Exposição Colaborativa do MAE-USP: desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus

ações educativas, e especialmente na visão em torno dessa área dentro dos museus pode contribuir com dados interessantes em prol da defesa do caráter educacional dessas instituições. Sabemos que os educativos são sempre lembrados e promovidos do ponto de vista dos discursos, entretanto no cotidiano são os que menos são ouvidos internamente. Muitas vezes são os primeiros a serem desarticulados, como por exemplo com a pandemia que acarretou a demissão de dezenas de educadores(as) pelo país (CECA, 2020).

Encontrar uma forma ética de enunciação das falas de educadores(as) não indígenas no Museu é um movimento constante para pensarmos o nosso trabalho a favor e em prol dos grupos indígenas. A colaboração, especialmente o respeito as existências indígenas é um compromisso e dilema do século XXI, que deve ser entendido como um espaço de direito e de reparação histórica de povos que foram apagados e subalternizados, mas não deve ser visto como um monopólio. Sabemos que a cultura possui uma série de complexidades e nenhuma pessoa, ou agente é capaz de falar por todo um grupo ou pela totalidade do fenômeno social. Dessa forma podemos aprender com nosso(as) parceiros(as) indígenas formas respeitadas de como falar com eles(as).

Como educadores(as) do Museu temos somente a agradecer o aprendizado constante com nossos(as) parceiros(as) indígenas doutores em sua cultura. Em todo esse processo em que sobretudo nós da USP tivemos o privilégio de aprender novas formas de se pensar a instituição e suas coleções, nossos(as) colaboradores(as) sempre se colocaram no lugar da gratidão e que também estavam aprendendo conosco. Nesse sentido, uma estratégia interessante para ser estudada e implementada nesse processo ainda em curso ou em outros que passem por situações análogas seria possibilitar que os(as) indígenas acompanhem as nossas visitas na exposição, visitas conduzidas por não indígenas, e nos escutem para discutirmos as tensões entre os diferentes locais de falas em torno da temática. Os processos colaborativos são repletos de meandros complexos e também podem ser tortuosos, entretanto são os mais significativos, que marcam e revelam muitas coisas nas instituições.

Para encerrar ficamos com as indicações da Lucilene Melo, indígena Kaingang da TI Vanuíre, que ao final de uma semana de trabalho nos pede duas coisas, primeiro, na ausência delas, nós educadores(as) não indígenas somos portadores da cultura indígena, dessa forma precisamos ter muito respeito, especialmente com a pajé, a kuña; e para sempre em toda situação elogiarmos os(as) professores(as). Respeito à diferença e valorização da educação é o caminho para os processos de descolonização dos museus.

Agradecimentos

Agradecemos nossos(as) parceiros(as) indígenas nesse trabalho colaborativo que nos possibilitam aprender constantemente, a Prof. Marília Xavier Cury por nos envolver no processo curatorial desde o início e pela parceria, e aos bolsistas do Educativo que arejam nossa área com novas demandas e sonhos.

Referências

ABREU, Regina. Museus etnográficos e práticas de colecionamento: antropofagia dos sentidos. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, vol. 31, 2005. p. 101-125.

AFONSO, Lidiane Damaceno Cotui; OLIVEIRA, João Batista; DAMACENO, Helena Cecílio. Museu Akãm Orãm Krenak – Terra Indígena Vanuüre. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa : ACAM Portinari : Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo : Museu Índia Vanuüre, 2020. p. 66-75.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782002000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso 10 jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 28, e1, 17 jan. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28e1>>. Acesso em: 5 ago. 2020.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museu do Instituto de Pré-História: um museu a serviço da pesquisa científica*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. A proposta educativa do Museu de Pré-História Paulo Duarte. *Revista de Pré-História*, n. 7, 1989, p. 161-189.

CAMILO, Jazone de; FELIX, Analu Lipu; CESAR, Gerolino José; FELIX, Admilson. Museu Terena em discussão – Aldeia Ekeruá. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa : ACAM Portinari : Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo : Museu Índia Vanuüre, 2020. p. 76-80.

CARNEIRO, Carla Gibertoni. *Ações Educacionais no contexto da arqueologia preventiva: uma proposta para a Amazônia*. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-28082009-100307/pt-br.php>>. Acesso em: 10 de jun. 2020.

CARNEIRO, Carla Gibertoni. Silva, Mauricio André da. Quando uma instituição nasce com um viés educacional: 38 anos de atuação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. In: *Anais: Museu e educação. 60 anos da declaração do Rio de Janeiro*. Caderno de Resumos das comunicações orais. Rio de Janeiro Seminário Internacional do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020. p. 20-22.

CECA (Comitê para Educação e Ação Cultural); REM (Rede de Educadores em Museus do Brasil). Carta Aberta dos educadores museais brasileiros sobre os efeitos da Pandemia de Covid-19 na educação museal no Brasil. 2020. Disponível em: <http://www.icom.org.br/files/Carta_Aberta_e_

Escutas das Narrativas Indígenas na Exposição Colaborativa do MAE-USP:

desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus

Recomenda%C3%A7%C3%B5es_para_Educa%C3%A7%C3%A3o_Museal_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020.

CURY, Marília Xavier. Metamuseologia: Reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 9, n. 17, p. 129-146, 17 maio 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/29480>>. Acesso em: 12 de set. 2020.

CURY, Marília Xavier. The sacred in museums, the Museology of the sacred – the spirituality of indigenous people. *Icofom Study Series – ISS*, n. 47, 2019, p. 89-104. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/iss.1529>>. Acesso em: 18 de maio. 2020.

CURY, Marília Xavier. Circuitos museais para a visitação crítica: descolonização e protagonismo indígena. *Revista Iberoamericana de Turismo*, v. 7, p. 87-113, 2017. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/4175>>. Acesso em: 13 de jun 2020.

CURY, Marília Xavier. *Questões indígenas e museus*. Enfoque regional para um debate museológico. Brodowski, São Paulo: ACAM Portinari, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, Secretaria da Cultura do Estado de SP, 2014. v. 1. 220p.

CURY, Marília Xavier. *Comunicação Museológica: uma perspectiva teórica e metodológica em recepção*. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ELAZARI, Judith Mader. Ação educativa em museus: a terceira idade construindo conhecimentos a partir de objetos no MAE/USP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 19, 2009, p. 337-354.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 49ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOMES, Alexandre Oliveira. *Museus indígenas, mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória: um estudo antropológico*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/36806>>. Acesso em: 20 de jun. 2020.

GOMES, Alexandre Oliveira. Por uma antropologia dos museus indígenas: práticas de colecionamento, categorias nativas e regimes de memória. *29ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Natal-RN, 3 a 6 de agosto de 2014.

GUEDES, Leandro; BESSA, José Ribamar. Curadorias compartilhadas em exposições indígenas: o caso de “Dja Guata Porã” no Museu de Arte do Rio. *Espaço Ameríndio*. Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 89-117, jan./jul. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/1982-6524.102817>>. Acesso em: 20 set. 2020.

HIRATA, Elaine V. Relato das experiências educacionais do MAE: 1981-1982. *Dédalo*. São Paulo, n. 24, 1985, p. 11-20.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Museu Imperial, 1999.

IAIATI, Ronaldo. CAMILO, Jazone. MARCOLINO, Claudino. Direitos indígenas – as pautas comunitárias indígenas. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa :ACAM Portinari : Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo : Museu Índia Vanuíre, 2020. p. 24-31

IAIATI, Ronaldo; PEDRO, Márcio; PEDRO, Edilene; ELIAS, Candido Mariano. Museu em discussão: Dois povos, uma luta – T.I. Icatu. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa :ACAM Portinari : Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo : Museu Índia Vanuíre, 2020. p. 81-84.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>>. Acesso em: 10 de jun. 2020.

MADONALDO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MADONALDO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 27-53.

MARSTINE, Janet. The contingent nature of the new museum ethics. In: MARSTINE, J. (Ed.). *Redefining ethics for the twenty-first-century museum* (The Routledge Companion to Museums Ethics). London: Routledge, 2011. pp. 3-25.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, São Paulo, n. 115, dez. 1983, p. 103-117.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Plano Diretor*. São Paulo: Museu Paulista, 1990.

Oliveira, João Pacheco. Sem tutela, uma nova moldura de nação. In: Oliveira, João Pacheco. *O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades*. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2016. p. 289-316.

OLIVEIRA, Tiago; MARCOLINO, Creiles; MARCOLINO, Gleidson Alves; MARCOLINO, Cledinilson Alves; CEZAR, Stefanie Naye Lipu. Guarani Nhandewa: museu das lembranças e dos sentimentos – Aldeia Nimuendaju. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa :ACAM Portinari : Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo : Museu Índia Vanuíre, 2020. p. 50-65.

Escutas das Narrativas Indígenas na Exposição Colaborativa do MAE-USP: desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus

PEDRO, Edilene; DAMACENO, Fabiana; DAMACENO, Gabriel; FELIX, Admilson; FELIX, Analu Lipu; CESAR, Gerolino José, BARBOSA, Pajé; CAMILO, Ranulfo; CAMPOS, José da Silva Barbosa, INDUBRASIL, Rosemeire Iaiati; JORGE, Mariza; UMBELINO, Neusa; VICTOR, Lícia. Exposição: curadoria compartilhada e a autonarrativa – A visão dos indígenas. IN: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa :ACAM Portinari : Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo : Museu Índia Vanuíre, 2020. p. 98-106.

PEREIRA, Dirce Jorge Lipu; MELO, Susilene Elias de. Ética – remanescentes humanos em museus. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa :ACAM Portinari : Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo : Museu Índia Vanuíre, 2020. p. 32-36.

PEREIRA, Dirce Jorge Lipu; MELO, Susilene Elias de; MARCOLINO, Itauany Çarissa de Melo. Museu Worikg – Kaingang, T.I. Vanuíre. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa :ACAM Portinari : Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo : Museu Índia Vanuíre, 2020. p. 81-84.

PEREIRA, Eliete da Silva. *Ciborgues indígenas@s.br: a presença nativa no ciberespaço*: São Paulo: Annablume, 2012.

PORTO, Nuno. Para uma Museologia do Sul Global. Multiversidade, Descolonização e Indigenização dos Museus. *Revista Mudaú*, 2016.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROCA, Andrea. Acerca dos processos de indigenização dos museus: uma análise comparativa. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 123-156. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n1p123>>. Acesso em: 28 de maio. 2020.

RUSSI, Adriana; ABREU, Regina. “Museologia colaborativa”: diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 25, n. 53, p. 17-46, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000100002>>. Acesso em: 12 set. 2020.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. “Ser essa terra: São Paulo cidade Indígena”: exposição no memorial da resistência trata da (re)existência dos povos originários na capital paulista. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 118-137, jan./jul. 2020. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/102699/0>>. Acesso em: 20 set. 2020.

SANTOS, Suzenilson. “Os Kanindé no Ceará: o museu indígena como uma experiência em museologia social”. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus e Indígenas – Saberes e ética, novos paradigmas em debate*. Brodowski:

ACAM Portinari, MAE-USP, 2016, p. 156-161. Disponível em <<https://doi.org/10.11606/9788563566171>>. Acesso em 12 jun. 2020.

SANTOS, Suzy da Silva. *Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas*. 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-13122017-091321/pt-br.php>>. Acesso em: 15 de jun. 2020.

SARRAF, Viviane Panelli. *A comunicação dos cinco sentidos nos espaços culturais*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4518>>. Acesso em: 18 de jun. 2020.

SILVA, Fabiola Andrea; GORDON, Cesar (Orgs.). *Xikrin: Uma coleção etnográfica*. São Paulo: EDUSP, 2011. v. 1. 324p.

SILVA, Maurício André da. Diálogos orientados/desorientados pela teoria queer. *Revista Arqueologia Pública*, v. 13, n. 1 [22], p. 218- 237, 2 jul. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/rap.v13i1.8654760>>. Acesso em 10 de jun. 2020.

SILVA, Maurício André da. *Memórias e histórias no sudoeste amazônico: o Museu Regional de Arqueologia de Rondônia*. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.71.2015.tde-27052015-112059. Acesso em: 15 jul. 2020.

VAN VELTHEM, Lucia Hussak. O objeto etnográfico é irredutível? Pistas sobre novos sentidos e análises. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 7, n. 1, p. 51-66, abr. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1981-81222012000100005>>. Acesso em: 5 de jun. 2020.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. O papel social e educacional dos museus: um estudo de caso do projeto girassol do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. In: NASCIMENTO, Silvania do; BOSSLER, Ana Paula (Orgs.). *Museu-Escola Isto me lembra uma história*. Belo Horizonte: UFMG, v. 1, 2010, p. 1-13.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello (Org.) *Recursos pedagógicos no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2014.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. O imaginário sobre o indígena: uma experiência de aprendizagem significativa no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 4, n. 7, p. 224-244, 3 nov. 2015. Disponível em: <DOI: <https://doi.org/10.26512/museologia.v4i7.16781>>. Acesso em 23 de maio de 2020.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello; CARNEIRO, Gibertoni Carneiro; ELAZARI, Judith Mader; DEBLASIS, Paulo. *O Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e o Público Especial*. São Paulo: MAE-USP e Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2009. 82p.

Escutas das Narrativas Indígenas na Exposição Colaborativa do MAE-USP:

desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. CARNEIRO, Carla Gibertoni. ELAZARI, Judith, Mader. A questão indígena e a ação educativa no MAE/USP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Suplemento 7. Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural*, p.101-108, 2008. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5939.revmaesupl.2008.113499>

VASCONCELLOS, Camilo de Mello; SILVA, Maurício André da. A comunidade, a Universidade e a cidade de São Paulo por meio do olhar das crianças da São Remo: o trabalho socioeducativo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. In: PERALTA, Romina; LOZA, Alicia (Orgs.). *Museos y archivos universitarios: educación, accesibilidad e inclusión : un debate necesario*. La Plata: Universidad de la Plata, 2017, v. 1, p. 196-206.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello; SILVA, Maurício André da. A mediação comunitária colaborativa: novas perspectivas para educação em museus. *ETD – Educação Temática Digital*, v. 20, n. 3, p. 623-639, 16 jul. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/etd.v20i3.8651713>>. Acesso em: 23 de maio. 2020.

VIEIRA, Mariane Aparecida do Nascimento. Dja Guata Porã: o rio indígena que desaguou no MAR. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 25, n. 53, p. 227-256, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000100009>>. Acesso em: 5 out. 2020.

Recebido em 05 de outubro de 2020

Aprovado em 13 de janeiro de 2021